

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
TRAMAS, ITINERÁRIOS  
E PEDAGOGIA EMANCIPADORA**

*Antonio Carlos da Silva*  
(UNIPLI, UNILASALLE-RJ e UERJ)

**(...) inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade. (PAULO FREIRE)**

As questões, aqui apresentadas ao leitor, são tecidas nas tramas e nos itinerários da minha prática de professor reflexivo, próximo das tramas e dos itinerários da população de jovens e adultos nas ações do Projeto Nordeste, desenvolvido pela Alfasol, e a partir de uma “escuta sensível” e um “olhar interessado” no interior da escola pública na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A juventude tem sido alvo de muitos olhares, principalmente na sociedade brasileira, que reúne uma legião de 28 milhões de jovens: 45% da população têm menos de 16 anos; dos jovens, 46% menores são indigentes, compondo, assim, um grande bolsão de miséria contra 29% da população total (NÉRI, 2001). Ora os olhares estão nas práticas exercidas, ora nos valores cultuados. Ora no modo como têm se apresentado, pelas imagens, promessas e incertezas geradas, ora nas tramas da exclusão social. Outras vezes, no que têm ocultado e silenciado enquanto intervenção e participação nos rumos da Nação. São olhares de desconfiança, de insegurança, de apelo, de consumo e de cobiça. Olhares de expectativas e de esperanças. Olhares de perplexidade e de indiferença. Olhares dis-

tantes e ausentes de uma responsabilidade social para com esta legião de jovens encarnados em bolsões de misérias, em um território que tem a juventude como *futuro da Nação* e como promessa.

A juventude, pelos valores que cultua, pelo fascínio que desperta e pelas condições do quadro sócio-cultural e político-econômico que se apresentam, tornou-se uma categoria emblemática. Diante de uma intensa crise política e cultural constatamos um redimensionamento da juventude que vai se colocando como um estilo de vida que aponta para práticas consumistas e sectárias (LINHARES, 1996).

A colonização da juventude, compreendida como o prolongamento da necessidade de ser eternamente jovem, presenciada em muitos segmentos sociais, tem exercido um comportamento de identificação muito grande com os hábitos, as atitudes e os valores juvenis, como se todos estivessem empenhados em cultivar a juventude. O que rejeitamos neles? O que eles anunciam e denunciam em uma sociedade de classes? A cultura do jovem parece vir prolongando, deliberadamente, a juventude, retardando seu ingresso no mundo adulto e silenciando suas necessidades e questões sociais. Deste modo, a vitória ilusionista da condição juvenil vem dificultando compreender e definir propriamente quem é o jovem (LINHARES, 1996, VIANNA, 1997).

Tornou-se circular a denúncia de que a idéia de reinventar o mundo foi abandonada pelos jovens que aderiram ao *salve-se quem puder*. Assim, a juventude, simultaneamente, é e não é um paradigma, como registra Linhares:

Pasolini procurou sacudir o envoltório de endeusamento dos jovens e, com paixão e sinceridade, as condições sociais de um novo fascismo que vem uniformizando a própria juventude, apagando suas diferenças e empurrando-a para um emudecimento que funciona como fuga da sua própria infelicidade que, embora dolorosa, poderia servir-lhe de chave na reconstrução de sua dignidade. Ao invés disso, a sociedade oferece-lhe uma ilusão de apreço, inventando-lhe uma imagem vazia pronta a ser preenchida pelo escapamento para as novidades, para a superfície relativa do consumo (LINHARES, 1996).

Vianna (1997) afirma que “não é fácil ser jovem no Rio de Janeiro dos anos 90. Mais difícil é tentar definir o jovem contemporâneo. O conceito de juventude parece ter colonizado todo o espaço social”.

Mas se não tem sido fácil definir a juventude contemporânea, o que podemos falar sobre os jovens das camadas populares diante de uma invisibilidade excludente? Quem são eles? O que fazem? O que deles é preciso anunciar/denunciar para melhor compreendê-los, identificá-los e ajudá-los na difícil tarefa de escapar da miséria e superar as interdições impostas às classes populares? O que a juventude popular tem protagonizado em tempos tão incertos? Quais são os movimentos juvenis atuais que podem concorrer para uma participação social mais atuante da juventude e para a invenção de sua sobrevivência em uma sociedade excludente onde “a maioria não cabe”? (SOUZA, 1982).

O que é preciso dizer dos jovens residentes nas regiões populares e rurais que têm experimentado, com muita intimidade, o gosto de interdições sociais e culturais que os empurram para mais distante da possibilidade de realizar um projeto de vida incluyente e de escapar dos bolsões da miséria, do analfabetismo e da infelicidade, de confirmar a sua dignidade entre o itinerário do universo juvenil ao adulto?. Deste modo, são retiradas, nas encruzilhadas dos tempos/espacos juvenis, as possibilidades de enxergar as armadilhas e de tecer novos itinerários de inclusão social.

A grande ameaça que se delinea, na atualidade, é a escassez de alternativas, que pode levar a frustrações, à perpetuação da indigência e, conseqüentemente, a desdobramentos imprevisíveis. Isto parece se agravar, quando as questões da juventude não ocupam, como tem ocorrido especialmente nas duas últimas décadas, o cenário central de uma agenda social.

Diante da ausência mais efetiva do poder público, da negação do acesso aos bens materiais e culturais, parece que sobra muito pouco ou quase nada para que os jovens das classes populares inventem um projeto de inserção social, mesmo diante do pro-

pósito de erradicação da miséria de nossa Constituição. O que sobra? Quais as pistas que vamos reunindo e que anunciam novas possibilidades da juventude escapar de tantas misérias como a econômica, a social, a política, a educativa, a da saúde e do desemprego? Quais as possibilidades que se descortinam para ela neste cenário?

Deste modo, a investida mais próxima pode residir nas organizações que fomentam políticas sociais para a juventude, nos movimentos da sociedade civil organizada e na escola, quando esta consegue perseguir, em seu projeto pedagógico, a escolarização continuada dos jovens sem deles retirar a sua condição juvenil, sem desprezar as questões emblemáticas da geração, possibilitando-lhes a invenção de novos sentidos para a sua existência e participação social, promovendo-lhes uma pedagogia emancipadora.. Mas, como o jovem tem experimentado a escola e suas determinações? Quais as imagens que a juventude tem construído da escola, e a escola do jovem? Quais as reflexões e ações das políticas educacionais implementadas no currículo escolar para formação da juventude? Quais são os fóruns instalados nas diversas instâncias sociais para debater uma agenda para a legião de jovens brasileiros? Jovens, em sua maioria, assentados em bolsões de miséria com tramas de analfabetismo, com baixa escolaridade ou escolaridade interrompida no itinerário da exclusão social, em uma sociedade na qual, de cada 100 crianças que ingressam nas séries iniciais, somente 57 chegam à 8ª série da educação fundamental e apenas 23% da população têm escolaridade de nível médio.

Se a categoria da juventude venceu, esta vitória tem um preço que é muito alto. O preço da vitória juvenil, por ter colonizado todos os espaços, resulta na ocultação das marcas emblemáticas da geração, das diferenças, condições e experiências nos espaços/tempos de jovens pobres e ricos. A homogeneização da categoria juvenil retira a possibilidade de enxergar as diferenças, as necessidades, as ações traçadas como alternativas para inventar a sobrevivência das condições humana e juvenil e, sobretudo, da formulação e da oferta de uma política de atendimento aos jovens

quando se diz que estes são todos iguais, que servem aos mesmos valores e que desejam as mesmas coisas mesmo diante de *vidas amargas* .

A idéia de igualdade encobre a vulnerabilidade exposta da juventude diante das reduzidas oportunidades e produz um sentimento ilusionista, para as gerações juvenil e adulta, de que os jovens são detentores das mesmas possibilidades de acesso ao patrimônio econômico, social e cultural. A igualdade anunciada produz uma invisibilidade das questões da juventude, apontando para um silêncio excludente.

Particularmente, não podemos afirmar que há uma vitória da juventude quando o adulto se coloca diante dela como consumidor ou quando se omite na defesa e na oferta da formulação de uma política comprometida com a legião de jovens da sociedade brasileira. Precisamos questionar a colonização da juventude diante do desprezo do estado e da sociedade civil para com os lugares educacional, cultural, social e político reservados aos jovens em nossa territorialidade e da incapacidade do próprio estado e de suas instituições em consolidar políticas de inclusão, para os jovens endereçarem uma esperança, um projeto de inclusão frente às reduzidas promessas e à retirada do estado como promotor da invenção da sobrevivência em uma sociedade de classes.

A cada instante vamos reunindo indicativos que apontam para o quanto as políticas sociais e as ações instituídas para proteger a juventude, negam-lhe oportunidades e contribuem para que se sinta fragilizada e impotente para o encontro de possibilidades que não sejam aquelas do *script* : servir à burguesia, apropriar-se muito pouco ou quase nada da cidade e dos bens produzidos e firmar uma convivência pacífica com as interdições materiais, educacionais e culturais, assim imputando-lhes insegurança, medo, descrença e ausência de alternativas, de projetos e de escolarização continuada, de geração de renda e trabalho, de acesso aos bens materiais e culturais anunciam que “os jovens são o futuro do país”.

Reflexões sobre quem são estes jovens, o que fazem, onde estão, quais são os benefícios sociais oportunizados, quais os projetos e os segmentos de escolarização que eles têm acessado e permanecido, quais as habilidades e competências desenvolvidas, quais os currículos escolares implementados para o seu desenvolvimento, são questões merecedoras de inclusão em uma agenda social quando convivemos, historicamente, com a invenção da juventude como futuro da nação.

Quais as reais possibilidades garantidas pelo Estado para que os jovens reúnam condições mínimas para atendimento de suas expectativas em uma sociedade com uma cartografia predominada por uma legião de jovens inseridos em um contexto marcado por bolsões de miséria, de violência, de interdições materiais, educativas e culturais. Sociedade configurada pela de negação de acesso e permanência a uma política de escolarização, de saúde e de lazer, da reduzida participação social diante das dificuldades concretas de politização e de requerer a própria invenção de juventude como um tempo de formação e de preparação para uma vida cidadã. Reflexões sobre estes indicadores são relevantes para um projeto político-social comprometido com o processo de democratização e de uma pedagogia emancipadora para a juventude brasileira.

Compreendo que, focalizando o olhar sobre estes jovens populares, “sujeitos invisíveis, habitantes das margens e portadores de impossibilidades”, sujeitos singulares em uma cartografia diversificada por tramas complexas, a categoria juventude e a educação de jovens e adultos se constituem como um lugar de reflexão e de estudos que ainda cobra algumas respostas e pistas que demarquem, na agenda social, políticas públicas, para rompimento das armadilhas de exclusão, estendendo, assim, a invenção e apropriação de um futuro mais digno e incluyente para a legião juvenil da sociedade brasileira.

## COTIDIANO ESCOLAR, SUJEITOS, TEMPOS/ESPAÇOS E PEDAGOGIA EMANCIPADORA

A educação de jovens e adultos traz, em seu estatuto filosófico, um conteúdo político-sócio-educativo comprometido com a realização mais íntima da vocação humana de ser sujeito, como argumenta Freire (1983).

Na sociedade brasileira, na qual é elevado o número de pessoas que não dominam a leitura e a escrita e dos jovens que são excluídos do processo de escolarização em idade regular sem a conclusão da Educação Básica, a educação de adultos acabou se transformando em educação de jovens e adultos. Somada à dimensão compensatória, a educação de jovens e adultos incorpora outras decorrentes das transformações na matriz estrutural do sistema produtivo dos desafios econômicos, políticos e sociais interpostos pelas novas configurações mundiais.

Assim, a educação de jovens e adultos incorpora progressivamente as categorias e ideais da educação permanente, projetando-se mais como educação continuada do que como superação da distorção série/idade; portanto, apresenta perspectivas de auto-realização pessoal e coletiva, de novas dimensões profissionais, de domínio das novas tecnologias e de saberes contemporâneos (ROMÃO, 2002: 16).

Sendo assim, os sistemas educacionais precisam tecer, neste itinerário social, outros novos lugares para os jovens e adultos com a oferta de uma política de educação que possa consolidar o acesso e a permanência de uma legião de jovens e adultos em um projeto de escolarização inicial e continuada, cúmplice da emancipação e de uma vida cidadã.

No que diz respeito à democratização da educação de jovens e adultos é importante refletir sobre os modos de organização, de oferta ampliada e de fomento de implantação de um currículo acolhedor, contemplativo e reflexivo para as tramas e as questões implicadas no atendimento a jovens e adultos na atualidade.

O “olhar interessado” e a “escuta sensível” sobre as práticas pedagógicas cotidianas e a observação da diversidade dos usuários da educação de jovens e adultos, da geração de ações que atendam às realidades específicas e da organização reflexiva e investigativa do trabalho pedagógico nos tempos / espaços do cotidiano escolar são elencos de uma prática pedagógica emancipadora.

Neste contexto, os componentes curriculares, os saberes pedagógicos e as práticas dos professores como “intelectuais transformadores”, ao tornarem “o pedagógico mais político” e “o político mais pedagógico” (GIROUX, 1997), são condições necessárias para uma sintonia com a relação do desenvolvimento juvenil e adulto no cotidiano escolar.

O estabelecimento da relação do currículo com as polifonias e políticas educacionais mais amplas, a compreensão das questões políticas e ideológicas envolvidas no planejamento educacional, na relação ensino/aprendizagem, no tratamento justo e igualitário das representações de etnias e de gênero, a compreensão da dinâmica da sala de aula de educação de jovens e adultos, a oferta de carga horária e calendário letivo com adequações contextuais, os processos de enturmação com os seus aspectos de gênero e faixa etária, os quadro indicadores de distorção série/idade, a seleção e organização de conteúdos emancipadores e a realização de metodologias ativas, a pedagogia de projetos, o processo de avaliação diagnóstica e formativa, a inserção do debate de temas transversais ao currículo, a observação da cultura do mundo juvenil e adulto e do mundo do trabalho e o compromisso dos professores como “intelectuais transformadores” são dimensões relevantes em uma prática educativa comprometida com a emancipação dos jovens e adultos que engrossam os bolsões de exclusão e alargam os indicadores de analfabetismo e de baixa escolaridade na sociedade brasileira.

#### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.



- . *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LINHARES, Célia. La reinención de La Juventud. *Nueva Sociedad*, Caracas, 1996, n. 146, p.168-180.
- NÉRI, Marcelo. É fácil acabar com a miséria. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de jul. 2001.
- GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SILVA, Antonio Carlos da. *Estação Saracuruna: a estação dos jovens*. Proped/UERJ, 2001. (Dissertação de Mestrado).
- SOUZA, Herbert José. *Construir a utopia: proposta de democracia*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SNYDERS, Georges. *Alunos Felizes*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- VIANNA, Hermano. *Galerias cariocas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- ROMÃO, José Eustáquio. Educação Profissional no século XXI In: *Boletim Técnico do SENAC.RJ*, v.28, n.3, set/dez, 2002.